

Scliar cronista

Com organização da professora Regina Zilberman, a Companhia das Letras está lançando uma seleção de crônicas de Moacyr Scliar (1937 - 2011) publicadas em Zero Hora ao longo de 40 anos. “A Poesia das Coisas Simples” será tema de debate no dia 23, às 19h, na Livraria Cultura, em evento com as presenças de Regina Zilberman, Luís Augusto Fischer e Cláudia Laitano

Tio Henrique, e o pedreiro que assobiava

por
MOACYR
SCLIAR

Fazia já semanas que eu vinha pensando em escrever algo sobre Primeiro de Maio e sobre os trabalhadores. Semanas apenas, não. Anos, muitos anos.

Desde a adolescência o mundo se dividia então entre trabalhadores e opressores, entre bons e maus. No mundo de minha adolescência era preciso escolher; e na minha escolha pesava a frase de José Martí: “Con los pobres de la Tierra: quiero yo mi suerte echar”. Do sofrimento dos pobres nasceria um mundo melhor; e Primeiro de Maio sempre foi para mim a festa que simbolizava esta esperança.

Então, eu queria escrever sobre o Primeiro de Maio. Mas a fatalidade muda todos os planos, até os menores. Na maldorrenda tarde de sábado, 19 de abril, tocou o telefone. Era meu pai, avisando que Henrique Scliar tinha morrido. Peguei o carro e corri para o pronto-socorro, onde estava o corpo. E ali estava o cenário da minha infância, da minha adolescência – a Oswaldo Aranha, que tantas vezes palmilhei; o pronto-socorro,

onde fui interno e médico – mas este cenário agora tinha algo de sombrio, de medonho. O ônibus ainda estava parado no mesmo lugar onde o velho Henrique perdera a vida; havia um congestionamento de trânsito, e buzinas atroavam o ar, num concerto macabro.

Henrique Scliar tinha 89 anos, e seus amigos – que eram legião – eram unânimes em dizer: uma vida bem vivida, uma vida intensamente vivida. Até o seu último dia, até o seu último instante, não deixou de fazer o que era, nos últimos tempos, sua ocupação habitual: andar pela cidade, no Centro e no Bom Fim, em busca de conhecidos a quem pudesse contar suas anedotas.

Sim, era isto que ele fazia: contava anedotas. Nem sempre eram novas, nem sempre eram engraçadas, mas eram a sua forma de militância porque inevitavelmente suas histórias eram dirigidas contra os exploradores, os imperialistas; mais que isto, estas histórias eram a sua conexão com a vida.

Sai do pronto-socorro e fui até sua casa, na Jacinto Gomes (...). O tio era um

grande incentivador. Arte, cultura ciência eram palavras mágicas para ele. Não poupou esforços para que seu filho Carlos pudesse se tornar um grande pintor; e ajudou também Salomão, excelente fotógrafo e um dos pioneiros da cinematografia. Foi um dos fundadores do Clube de Cultura e muitas vezes o vi, durante a construção da sede, carregando tábuas junto com os operários.

Era um operário de cultura. (...) Henrique Scliar morreu um pouco antes de Primeiro de Maio, data que ele, velho militante de esquerda, tantas vezes celebrou.

Então eu me dei conta que o tema sobre o qual pretendia escrever. Primeiro de Maio, não ficara abandonado. E sobre o que eu ia falar, falarei.

Falo então desta visão adolescente que eu tinha do mundo. Para mim, o futuro pertencia aos trabalhadores; porque eles não exploravam ninguém, porque ganhavam o pão com a força dos braços. Operário eu queria ter sido, e muitas vezes amaldiçoei o destino que me fez nascer pequeno-burguês, mais pequeno que burguês, mas mesmo assim não um proprietário (um “proleta”, como dizíamos, com certo humor mas não menos carinho).

Um dia vi um pedreiro num edifício em construção, assobiando. Aquilo me deixou assombrado. Como podia um ser sofredor assobiar? E, pior: não era a Internacional que ele assobiava; era uma música qualquer, dessas que tocam no rádio todos os dias.

Durante muitos anos me perguntei por que assobiava o pedreiro. Para esquecer o sofrimento? Como reação à alienação de seu trabalho? Como protesto? Ou será que apesar de tudo ele gostava do que fazia, de empilhar tijolos, de construir algo, mesmo que não fosse seu, mesmo que fosse uma mansão para um rico explorador?

A indignação é uma doença incurável. Tendo descoberto a miséria, nunca mais pude ser o mesmo. Mas também não consegui descobrir por que o pedreiro assobiava. E não tem importância. O importante é que assobiava. O importante é que a vida é vida, e acaba triunfando, se não numa geração, então na outra, ou na outra.

O pedreiro que assobiava, o tio Henrique que percorria o Bom Fim atrás de gente para quem contar suas anedotas – estas figuras são um símbolo. Como o é o Levante do Gueto, a rebelião de Tiradentes, o Pessach, o Primeiro de Maio. Honra aos que combatem. Honra aos que caíram de pé, no Gueto de Varsóvia ou na querida Oswaldo Aranha.

A crônica ao lado foi publicada em Zero Hora, em 27 de outubro de 1986